

Resenha

Entre desejos e revoltas: a ressonância dos sonhos da geração de maio de 68
(MATOS, C.F Olgaria. **Paris 1968**: as barricadas do desejo. São Paulo:
Brasiliense, 1981.)

Emilson Ferreira GARCIA JUNIOR¹

O mês de junho de 2013 ficou marcado pelos maiores protestos desde a redemocratização. O que se via nas ruas das principais cidades do país, era um sentimento coletivo por mudanças políticas, com o intuito de melhorar os serviços públicos e garantir que os direitos básicos, embasados constitucionalmente, fossem efetivamente colocados em prática. *Um busca por pertença* arregimentou jovens, adultos e idosos em um só coro: “o gigante acordou”, dessa forma, a população não era “só público” (frase do escritor Lima Barreto para definir o conformismo social), pois agora voltava a ocupar o protagonismo que lhe é inerente.

É a luz desse fato que se podem entender os significados e as conseqüências das manifestações que sacudiram Paris em 1968. Frise-se, que para muitos estudiosos, os dois eventos, guardadas as devidas proporções, registram semelhanças. Por exemplo, em um determinado momento das passeatas no Brasil, havia múltiplas reivindicações em cartazes: *mais saúde, educação padrão Fifa*; em outros havia pedidos bem mais complexos, como *Fora Dilma, Impeachment já, Pelo fim do congresso*.

Embora compreensíveis, há um claro desacordo com o regime institucional estabelecido, ou seja, um enfrentamento aos aparatos estatais. Além disso, outra similitude, é a falta de uma liderança que evidencia e personifica o *desejo* de uma massa (se bem que nesse caso, ela ganha novos dimensionamentos) ávida por transformações.

Nessa perspectiva, três outros pontos de convergência, foram os epicentros dos levantes: primeiro, no caso de Paris de 68, a vontade de instituir dormitórios mistos na Universidade de Nanterre; no Brasil, o aumento de vinte centavos na tarifa de transporte público em São Paulo; Em ambos havia a repulsa a partidos e também certa difusão das

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - (PPGCI/UFPB). E-mail: emilson.uepb@gmail.com

reivindicações, o que na essência, prejudicou o diálogo e o cumprimento das propostas defendidas.

Indiscutivelmente, o ano de 1968 ainda ecoa na sociedade pós-moderna, permeada pela fragmentação em suas relações, Os ideólogos de a *imaginação no poder*, provocaram uma *revolução existencial* que ressignificou o papel do sujeito em sua realidade, “as utopias estudantis, hoje não são projetos teóricos, transcendem o âmbito universitário, ampliam o sentido do espaço público e alargam as fronteiras do possível” (p. 11).

A série de mobilizações oriundas das universidades, que chegou a ganhar o apoio de dois terços dos trabalhadores franceses e desestabilizou o governo de Charles de Gaulle, propugnava um novo olhar acerca dos parâmetros estabelecidos (morais e religiosos), e atacava o excesso de burocratização do estado, que na sua formatação, atrofiava o cidadão, retirando-lhe sua *autonomia* e a capacidade de *transgredir*.

A manutenção do status quo interessa os que no poder, tentam fazer da população, um *rebanho* condicionado a apenas obedecer e seguir às normas, que somados aos seus instrumentos de repressão, busca silenciar qualquer tentativa de questionamento da ordem vigente.

Com o lema *é proibido proibir*, os jovens usavam a arte como forma de subversão. Grafitagem era utilizado maciçamente, músicas cantadas às ruas, ao mesmo tempo em que barricadas eram construídas. “O desejo revolucionário será muito mais marcante do que a situação revolucionária. Talvez por isso o movimento fosse mais capaz de contestar do que vencer, de imaginar do que transformar, de se exprimir do que se organizar” (p.21).

Os sonhos estudantis franceses proliferaram-se na Europa e cruzou o Atlântico. Na Alemanha, rebeliões foram fomentadas por universitários de extrema esquerda. Nos Estados Unidos, em meio à Guerra do Vietnã, grupos de pessoas reuniam-se publicamente com o objetivo de questionar a participação no conflito e externar seus novos estilos de vida, embasadas na contestação social e um espírito libertário, reflexos da contracultura e da geração beat, formada por escritores e poetas.

Tais questões tiveram como desdobramentos, o festival de Woodstock (*Faça amor, não faça guerra*) e a explosão de movimentos a favor do direito das mulheres, dos negros e homossexuais. São Francisco, Califórnia, foi palco das maiores passeatas.

Tais intervenções tiveram um maior engajamento após o assassinato do pacifista Martin Luther King, que havia inspirado os norte-americanos a se unirem contra o racismo.

Como já fora discutido, 1968 é emblemático. Para Edgard Morin, foi o “êxtase da história”. Primavera de Praga, eleição de Nixon e uma Ditadura brasileira ainda mais opressora. Assim como o exemplo das *manifestações de junho de 2013 no Brasil*, corrobora com as noções de valorização de minorias, negação da política partidária e a liberdade de expressão, outras tantas iniciativas no século XXI, acarretaram na eclosão de regimes despóticos e suscitaram mudanças importantes.

O maio de 68 foi uma “brecha histórica” e um acontecimento extraordinário, pois colocou em suspenso uma sociedade que se pensava de maneira orgânica e sem fissuras; ensinou que uma revolução não nasce apenas sob o efeito de um conflito interno entre opressores e oprimidos, “mas advém no momento em que, diz Lefort, se apaga a transcendência do poder, no momento em que se anula sua eficácia simbólica”. (MATOS, 1989, p.95).

A primavera Árabe, principalmente na Turquia, Egito e Líbia, que marcadas pelas redes sociais (mais um sintoma pós-moderno), lutaram por direitos, como o voto feminino e o direito à informação. O movimento #yosoy132, ocorrido no México nas eleições presidenciais de 2012, é mais uma face do poder de arregimentação da internet que teve sua gênese nas universidades. As revoltas estudantis no Chile em 2012, por uma educação superior gratuita e os conflitos do Ocupe Wall Street, que lutava contra as conseqüências econômicas da crise financeira e a impunidade dos bancos, são também exemplos de como o desencantamento com as macro-estruturais podem levar a um levante popular.

Se é bem verdade que Daniel Cohn Bendit e seus iguais (já que não existia hierarquia entre os sonháticos de 68) lutavam em um contexto de maior “abundância do que penúria” (p.21) e que a economia não era fator preponderante para uma *causa coletiva*, também é notório que a dinâmica contemporânea e marcada por profundas micro-revoluções em seu interior, em que a busca pela legitimação de pequenos grupos, instigam a tantos outros a saírem do silêncio habitual e expor bandeiras e ideologias. A universidade (de 68) rima com a diversidade (do século XXI), e na reflexão de Lefort, encontra sua máxima consistência na seguinte idéia “a revolução mobiliza sempre aqueles que vêm arruinadas suas esperanças” (p.21).